



## NAS REDES DAS NARRATIVAS DE HOMENS E MULHERES PESCADORES: DO MAR ÀS LIÇÕES, DOS SABERES À FORMAÇÃO

### IN THE NETWORKS OF NARRATIVES OF MEN AND WOMEN FISHERMEN: FROM THE SEA TO LESSONS, FROM KNOWLEDGE TO FORMATION

#### ARTIGO

##### Stenio de Brito Fernandes<sup>i</sup>

Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN)  
E-mail: [steniondre@hotmail.com](mailto:steniondre@hotmail.com)

##### Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)  
E-mail: [anaaguiar@uern.br](mailto:anaaguiar@uern.br)

##### Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)  
E-mail: [aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br](mailto:aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br)

Editor deste número da RECS:  
Dr. João Batista Lopes da Silva  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
e-mail: [revistaedu@unemat.br](mailto:revistaedu@unemat.br)

#### RESUMO

A pesquisa objetiva compreender como homens e mulheres pescadores da Comunidade do Rosado/RN, contribuem com os seus saberes da experiência com/no mar para a construção da formação do cotidiano. O estudo de abordagem qualitativa, encontra-se ancorado na pesquisa (auto) biográfica como método de investigação. Como resultados, apontamos que os saberes da experiência de homens e mulheres pescadores são repassados entre seus moradores, desde as gerações passadas às novas gerações. Os moradores aprendem com/no mar, na praia, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e filhos. Depreendemos ainda, que o uso da tecnologia afeta diretamente o processo de ensino e aprendizagem na Comunidade em relação aos jovens. É evidente que o tempo trouxe mudanças nas práticas e técnicas utilizadas nas atividades pesqueiras, a exemplo do uso do barco a motor e o GPS.

**Descritores:** Narrativas (auto) biográficas; Saberes da experiência; Pescadores; Formação.

#### ABSTRACT

The research aims to understand how men and women fishermen from Comunidade do Rosado/RN contribute with their formation of experience with/at sea to the construction of the formation of daily life in the community. The study with a qualitative approach, anchored in (auto) biographical research as an investigation method. We point out that the knowledge of the experience of men and women fishermen is passed on among its residents, from past generations as well as to new generations. Residents learn with/at the sea, on the beach, in coexistence with nature, with their work colleagues, with their parents and children. We also understand that the use of technology directly affects the teaching and learning process in the Community in relation to young people. It is evident that time has brought changes in the practices and techniques used in fishing activities, such as the use of motor boats and GPS.

**Descriptors:** Auto) biographical narratives; Knowledge of experience; Fishermen; Formation.

## 1 INTRODUÇÃO

A construção da pesquisa<sup>1</sup> consiste em um registro das narrativas de homens e mulheres pescadores da Comunidade do Rosado - distrito do município de Porto do Mangue no Rio Grande do Norte (RN). É um lugar de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia, ambiente fértil de saberes de experiência formadora, “[...] os povos e comunidades tradicionais têm o território como um ambiente simbólico, político e econômico entendido como o lugar para além de suas fronteiras geopolíticas” (SOUZA, p. 1, 2020). Para tanto, caracterizam-se por sua organização sendo a luta em defesa pelo território, uma condição básica para garantir suas vidas. A memória aflora nas lembranças e recordações vividas ao longo da história dos sujeitos, na relação de educar e formar para a sensibilidade dos saberes da experiência, esses conhecimentos norteiam a vida e constroem a formação dessas pessoas.

A pesquisa objetiva compreender como homens e mulheres pescadores da Comunidade do Rosado/RN, contribuem com os seus saberes da experiência<sup>2</sup> com/no mar para a construção da formação do cotidiano. O sujeito da experiência para Bondiá (2002) está inserido em espaços de lugares e dos acontecimentos. Se a vivência é o que acontece ao indivíduo, ele é um território de passagem, então, a experimentação é uma paixão, porque o sujeito não é da informação, da opinião, sem trabalho, ritmo, sem pensar no que faz no dia a dia; é o ser que quer viver com o outro.

A pesquisa é de abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2007), o método qualitativo se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos possuem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos historicamente, de como sentem e pensam. Com esta metodologia, podemos olhar o comportamento de sujeitos reais em comunidades, vivendo em termos de culturas, procurando tanto o seu estímulo como a sua validade em sociedade.

Para Josso (2010a) a pesquisa (auto) biográfica permite explicitar a singularidade e, com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria vivida. Essa abordagem histórica, teórica e metodológica, para Souza (2006) é entendida como pesquisa narrativa, ou história de vida em formação.

Com os estudos centralizados nas práticas de formação, o sujeito em construção passa a ser protagonista da sua própria história, no seu cotidiano na relação consigo mesmo e com o outro. As histórias vivenciadas indicam caminhos da autoformação, segundo Pineau (2010, p. 167):

[...] considera as histórias de vida como um método de investigação-ação, que procura estimular a autoformação, na medida em que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva. A biografia é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é essa dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação e da formação.

Foi com base nesse entendimento expresso por Pineau (2010) que entrevistamos três sujeitos. Para tanto, as narrativas foram ouvidas e gravadas no alpendre de Dona Morena, desde o primeiro encontro, nas rodas de conversa, no bate-papo com Neneu nas Dunas do Rosado e no Eco Posto. Os colaboradores entrevistados<sup>3</sup> foram compreendidos a partir das

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado, intitulada “Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN”, apresentada em 2018 ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

<sup>2</sup> Bondiá (2002) afirmar que o saber da experiência, é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. O significado de experiência, um dos conceitos fundantes desta pesquisa, que vem do latim *experiri*, significa provar, experimentar. A experiência é a ação de nos colocarmos para o outro e com o outro.

<sup>3</sup> Para os entrevistados deste estudo, perguntamos primeiro se aceitavam participar da pesquisa e se concordavam em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem, das Narrativas e da Publicação. Consideramos o respeito pela dignidade

histórias de vida contadas por meio da memória (oral) e escritos (cordéis, notícias de jornais, cantos, objetos, estatuto, fotos, documentos, dentre outros registros). O *corpus* erguido por meio desse procedimento contribuiu para a construção da memória individual e coletiva.

A Comunidade do Rosado/RN, *lócus* da pesquisa, pertence territorialmente ao município de Porto do Mangue/RN. É um lugar de sujeitos que vivem do mar e do campo, que preservam seu espaço de moradia. Não se constitui só de pescadores, pois muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais, tais como: marisqueiras, artesãos, poetas, cordelistas, agricultores, líderes comunitários, sindicalistas e professores, dentre outros, que residem nesse espaço de vivências e se afirmam como o seu lugar de pertença.

Nosso espaço da pesquisa está localizado na faixa litorânea da região nordeste do Brasil, especificamente na costa setentrional do Estado do RN e inclusa dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN. É um lugar de belas paisagens, de encantar os olhos de quem visita, conta com falésias, dunas e vegetação da Caatinga, que avançam do interior ao litoral (BARROS, 2009).

Este artigo encontra-se organizado em duas partes, além dessa introdução: na primeira, abordaremos o descortinando saberes para além do mar: narrativas de formação para a construção do cotidiano. Na segunda parte, enfocaremos nas redes das narrativas de homens e mulheres pescadores: do mar às lições, dos saberes à formação.

## **2 DESCORTINANDO SABERES PARA ALÉM DO MAR: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO**

Ao perpassar pelas histórias de vida e formação, conhecemos os saberes da experiência à formação dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN. No local, as tradições e os costumes herdados de seus antepassados, ainda estão muito presentes em suas formas de convívio, mesmo diante do advento das tecnologias. Isso demonstra que existe uma relação harmoniosa entre as diferentes gerações.

Segundo Diegues (1995), a pesca deu origem a inúmeras culturas litorâneas regionais ligadas à essa atividade, forte prática econômica, que faz parte de suas tradições, passada de geração a geração. Ademais, o valor da pesca e seus hábitos estão enraizados na cultura brasileira.

No país, o litoral tem cerca de 7.491 Km<sup>2</sup> de extensão que compõem a faixa litorânea banhada pelo Oceano Atlântico. Segundo Araújo (2002), a costa do RN se estende por aproximadamente 400 km. Tem um total de 25 municípios ao longo desta extensão, compreendendo mais de 82 comunidades. Destarte, a cidade de Porto do Mangue/RN se enquadra neste número e tem cerca de 20 km<sup>2</sup> de área beira-mar (CEPENE, 2008).

Diegues (1998), um estudioso da cultura marítima, conceitua povos do mar a partir da compreensão das relações simbólicas, mágicas e rituais de que se reveste, a relação homem/mar. Esses aspectos variam entre as diferentes culturas. Como foi mencionado inicialmente, a referida expressão é usada não para dar destaque àqueles que vivem no/com mar, exclusivamente, mas a todos os atores sociais que pertencem e dividem os múltiplos espaços de saberes da experiência.

Em seus estudos, Diegues (1995) diferencia sociedade dos pescadores e sociedade camponesa, apesar de ambas estarem inseridas na pequena produção mercantil. O autor ressalta uma particularidade da gente do mar, seu modo de vida específico, marcado por práticas sociais e culturais diferenciadas das camponesas. No nosso *lócus* da pesquisa existe essa diferença entre as duas formas de organização social, cada uma com suas características distintas no seu modo de fazer e agir.

Nas comunidades tradicionais, as relações educativas, econômicas, culturais, políticas e ambientais sustentam e constituem os modos de vida. Para Souza (p. 3, 2020), “[...] os modos de vida manifestam as relações que seres humanos, mediados pela memória coletiva e por experiências vividas e herdadas, estabelecem entre si e com o território em que produzem

---

humana e pela especial proteção devida aos colaboradores das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução Nº 510/2016.

sua existência [...]”. Portanto, as narrativas dos entrevistados ressaltam as relações desse modo de vida entre as atividades de quem trabalha no mar e na agricultura.

O morador Neneu<sup>4</sup> é um exemplo na Comunidade. Trabalhou tanto na pesca, como na plantação. Em suas narrativas, explicou que dedicou muito tempo de sua vida a esse tipo de trabalho. Nas horas vagas, tirava um tempo para fazer as atividades do campo. Hoje, está aposentado e continua a trabalhar na roça.

Assim como Neneu, os povos do mar aprendem com/no mar, na praia, com/no campo, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, pais e filhos. Em meio ao vai e vem do balanço do mar dessa Comunidade surgiram algumas questões: Quais saberes da experiência dos povos do mar são praticados, no dia a dia, para a construção da sua formação? Quais as dificuldades que esses povos relatam sobre a vida com/no mar?

Essas e outras indagações convidam a navegar nas histórias de vida dessas pessoas, que vivem do mar e do campo, a partir de experiências cotidianas de homens comuns<sup>5</sup>, do trabalho, bem como do desejo coletivo e individual, das rotinas locais, do lazer e da família, dos sentimentos e, por último, da pertença ao lugar.

As histórias de vida dos povos do mar, são fruto das narrativas à luz da pesquisa (auto) biográfica. A palavra biográfica pode ser considerada, segundo Delory-Momberger (2008), como o lugar da constituição de um sujeito psicológico e histórico, face às restrições e às percepções coletivas. A partir do espaço sócio-histórico da Comunidade estudada, nasceram as narrativas de quem viveu e vive do mar e do campo e vai tecendo a sua história em parceria com os outros. Conforme explica Josso (2010b, p. 414):

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.

A vida entre o mar e a terra tem seus desafios, por essa razão, cabe a seguinte indagação: como os povos do mar organizam e produzem seus meios de sobrevivência em função de suas relações com a natureza? A resposta é a partir de sintonias que os habilitam ao manuseio e à utilização com o meio ambiente e as experiências históricas ali vivenciadas (CARDOSO, 2015). Em outras palavras, a dinâmica da vida dos povos do mar é moldada por determinados ritmos articulados pela memória individual e coletiva.

Concordamos com as ideias de Halbwachs (1990), que os indivíduos utilizam imagens do passado, como membros de grupos sociais que sempre precisam da memória de outras pessoas, para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência. Esse processo permite reinventar o cotidiano e dar sentido ao modo de vida da Comunidade.

Os homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN, por meio dos saberes e fazeres, trazem do mar o seu sustento para garantir uma vida digna e de oportunidades para suas famílias. De acordo com Martins (2000), o que é proposto à vida do dia a dia dessas pessoas não é uma vida racionalizada, limitada, mas seus problemas, sua inconclusividade, suas dificuldades. O autor salienta que esses indivíduos não podem ficar de braços fechados, tem que descobrir e inventar caminhos para superar todas as diversidades da vida.

As comunidades marítimas se constituem pela prática da gente do mar, num ambiente natural, marcado pelo risco, perigo e instabilidade (DIEGUES, 1995). Essas práticas e modos de vida se constroem em relação ao meio, tanto físico quanto socialmente instável e imprevisível.

Neste entendimento, o mar, espaço de vida dos pescadores, é marcado pela fluidez

---

<sup>4</sup> Neneu não é o seu nome de batismo, é um nome como gosta de ser chamado. Está com 60 anos e é aposentado. Como experiência profissional exerceu diversas funções, tais como: agricultor, pescador, atuou como presidente da Associação da Comunidade por muitos anos, e hoje atua como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município.

<sup>5</sup> Para Martins (2000) são esses sujeitos comuns, na vida cotidiana, que na prática, criam as condições de transformação do impossível em possível.

das águas e de seus recursos e instabilidade contínua. Na acepção de Diegues (1995), a vida no mar é marcada não só por contingências naturais, mas por temores e medos, acidentes e naufrágios. Para melhor entendimento dessa rotina, segue a narrativa de Neneu:

Tem que sair de uma ou duas horas da madrugada, entrar de maré afora, num barco só com uma vela, e sair para o mar. Chegar em casa de seis horas da noite ou de sete horas da noite, depende do vento, né [...]. O jovem de hoje, são pescadores, e estão pescando, mas, é com GPS<sup>6</sup>. Vou fazer um caminho por aqui, esse pessoal não tem mais esse interesse. E daqui para frente não vai ter quem ensine. Os velhos vão morrendo, vão se acabando, porque o que eles aprenderam com o GPS não vão mais querer aprender de outra forma.

Conforme a narrativa, podemos refletir que o conhecimento tradicional não é distribuído homogeneamente entre todos os pescadores, mas, em parte, é função do tempo de experiência na pesca (DIEGUES, 1995). Quanto ao uso desses aparelhos modernos, Neneu explica que hoje, com a tecnologia, se vê pouco barco, mas não é possível dizer que está morrendo pouca gente, [...] está morrendo é mais, porque, antigamente, era a coisa mais difícil ouvir dizer que um barco de pescador virou e eles morreram [...]. O entrevistado ressalta que até hoje, de vez em quando, temos notícias de uma tragédia que o barco virou e morreu um ou dois pescadores.

O tempo trouxe mudanças nas práticas e técnicas utilizadas nas atividades pesqueiras, exemplo disso é o uso do barco a motor. Corriqueiramente, as pessoas também usam bateiras e jangadas a velas, transportes que não contam com a tecnologia de novos aparelhos para facilitar e possibilitar melhorias para a atividade.

A pesca artesanal serve como subsistência e como fonte de renda para a venda dos pescados. Na Comunidade do Rosado/RN, boa parte de seus moradores vivem dessa atividade. Os homens vão para o mar e algumas mulheres, ficam responsáveis pelos cuidados dos filhos e do lar e outras trabalham na área da educação escolar, no campo e de marisqueiras. O morador Neneu conta que começou esse labor muito cedo, mas sempre prestava a atenção nas lições dos mais experientes, observava a forma como os velhos faziam.

Sobre as atividades da pesca, Neneu afirma que, hoje, ninguém quer pegar um saco de areia e colocar no ombro, porque quem vive da pesca tem que fazer isso todos os dias. É um trabalho manual que requer muita força para arrastar o barco ao mar. Com mais de vinte anos de experiência, ele explica como ocorre a rotina no mar:

O saco é colocado para o beijo do mar, onde vai pegar a água para botar no barco. Com o saco vai fazer o lastro do barco, aí, hoje eles não querem mais uma bateira de boca aberta, eles querem uma jangada, porque a jangada protege de muita coisa, nem precisa levar muita areia, só o pessoal que vai em cima, é o próprio lastro nela. Mas o compasso do barco à vela e de uma bateria, como a gente chama, é o de areia, porque o de areia é a experiência do pescador. Por que, depois, o pessoal colocava um bloco de cimento, o que acontecia? o barco virava e a tendência era afundar, porque o bloco estava amarrado em cima de um lado e de outro. A areia não, o barco virou, o saco desmancha, né? Ela vai embora, rasga o saco e evita de o barco descer, né isso? Antigamente era usado mais bloco de cimento dentro do barco, porque o compasso é em cima do barco, vai torcer para um lado e para o outro, para o lastro não ficar tordo. As vezes que você torcer o banco, você vai daqui até o mar, para fora, daí o lastro fica para esse lado. O banco vai para esse lado, quando é para sair de lá para cá, o lastro tem que vim. Tudo é experiência, se você achar aquele lastro para um lado, tem que ver se não vai virar, porque o vento ajuda.

Essas experiências vivenciadas, são passadas de geração a geração. Os atuais pescadores aprenderam com os seus avós e seus pais na comunidade. Desse modo, as

---

<sup>6</sup> O sistema de posicionamento global (*global positioning system*), mais conhecido pela sigla **GPS** é um aparelho moderno que recebe informação por satélite.

leituras de mundo estão sendo praticadas e repassadas na convivência diária de seus moradores. Como ensina Freire (1996), a leitura de mundo precede à leitura da palavra, e esse olhar da experiência, deve ser respeitado e repassado para os que estão começando.

Pelo exposto, a Comunidade do Rosado/RN pode ser considerada um lugar de representações simbólicas que nascem do imaginário e da espiritualidade. Essas representações marcam uma convivência com o mar, no momento de fé e acreditam que há um novo dia. Revelam uma grande importância para que esses povos se legitimem como do mar, a partir de suas diversas experiências, como vamos ver na seção seguinte.

### 3 SABERES QUE EDUCAM: DO MAR ÀS LIÇÕES, DOS SABERES À FORMAÇÃO

Na tentativa de expandir esses saberes para além do mar, os moradores foram convidados para participarem do III Seminário de Narrativas (Auto) biográficas: memórias, (auto) biografias e inclusão – a marca das memórias no corpo biográfico do outro. O evento ocorreu nos dias 24, 25 e 26 de abril de 2017 e foi promovido pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FE/UERN).

Na ocasião do dia 25 do mês e ano corrente, à tarde, no auditório da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC/UERN), os moradores Neneu, Morena<sup>7</sup> e Carlinhos do Rosado<sup>8</sup>, participaram do Salão de Conversa – 1: Um passeio pela memória purgativa na marca das memórias no corpo biográfico do Outro – pescador.

Nesse Salão de Conversa, os moradores narraram suas histórias de vida, falaram da origem, da formação e dos saberes da experiência na Comunidade. Na oportunidade, mostraram ainda os artesanatos por eles construídos. O participante e sujeito da pesquisa Carlinhos do Rosado, traz em suas narrativas, exemplos de experiências e sintetiza:

Tem pescadores na nossa comunidade que não sabem escrever o nome, mas quando chega um barco com 600 km de lagosta, e se tiver um pescador ou com dez pescadores, ele abaixa a cabeça e faz rapidamente uma conta que nem calculadora e nem computador do mundo faz mais rápido do que ele. Tem outro pescador, que é irmão dele, que olha para a lua e consegue dizer as tabuas da maré.

Existem muitos exemplos do conhecimento das comunidades do mar. Segundo Maldonado (1988), os saberes das artes de pesca surgem e se desenvolvem num espaço físico e de práticas culturais que moldam a visão de mundo e o modo de vida das comunidades de pescadores. Esse conhecimento é feito de diferentes maneiras. Nas narrativas, Neneu ressalta, por exemplo, que os mais velhos têm muitos conhecimentos e saberes desconhecidos pelos jovens da Comunidade do Rosado/RN, mas que podem ser repassados. Diz o morador:

O pescador de pé no chão, que conhece a rede de “três margem”, [...] sabe que a linha tem que ser preta. Aí, como eles fazem a linha ficar preta, colocando a tinta, e o que é essa tinta, era a casca do mangue, chamado de mangue sapateiro. Colocava de molho por dois ou três dias. Tem um período que coloca ele de molho para ficar bem forte. Colocava a rede toda piada em cima de uma tabua, tinha que ficar em duas ou em três horas, tinha que aguardar para ir conservando. Daí você tinha que fazer todo final de semana, fazer isso de novo, colocar o três Marge e passar a tinta para ficar escuro e conservar o fio.

Os espaços de saberes na comunidade também são uma escola. Segundo Brandão (2007), são diversas as formas de educação que aprendemos e praticamos, até que se reproduzam entre todos os que ensinam e aprendem em diversos lugares. Nas narrativas, se percebe que na Comunidade do Rosado/RN, existe um compartilhamento desses saberes da

<sup>7</sup> Morena, foi o nome dado quando ainda era menina, é uma forma carinhosa de ser chamada. Atualmente, está com 54 anos, é artesã, construiu uma trajetória de vida e experiência, participa como membro da Associação das Mulheres Artesãs e atua nos Movimentos Feministas Rurais.

<sup>8</sup> O nome Carlinhos do Rosado é como gosta de ser chamado por todos. Tem 43 anos, traz um currículo de experiência, já participou como membro da Associação da Comunidade, exerceu três mandatos de vereador do município, hoje, é membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

experiência com os pares, que aprendem a conhecer, a viver com os outros, a ser.

Isso confirma o pensamento de Brandão (2007, p. 10), que “da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender”. Nessas relações com o outro na vida em sociedade, a educação acontece com quem vivemos, aprendemos e ensinamos.

Conforme Brandão (2007. p. 10), “[...] a educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. O autor expressa as diversas formas de educação, nos diferentes espaços de saberes. Confirmamos essa ideia nas narrativas de Neneu, ao contar sobre as experiências aprendidas:

A gente fazia tudo isso, mas a “três margem”<sup>9</sup> só pegava peixe, não pegava camarão. Tinha demais camarão, mas só pegava peixe. Por que só pegava peixe? Porque o nylon<sup>10</sup> era grosso e o camarão não se enganchava nele. Para pegar camarão, tinha que ser com a linha branca, para o camarão não perceber. Na época dos meus tios, era assim, eles pegavam o nylon e faziam a linha. Eles mesmos faziam e torcia no carretel e busca o olho do cajueiro, aquela folha bem vermelhinha que tinha no cajueiro. Colocava na mão para passar na linha de um pau para o outro, e passava na linha para pegar camurupim. Fala ramos, quantos ramos, que era as pecinhas finas, vamos dizer que era um nylon de duzentos ramos, para colocar para a linha ficar grossinha para pegar o lpu. O lpu é aquele que amarra o anzol, porque o anzol não é amarrado na ponta da linha, é amarrado no lpu. Ele pegava aqueles fios, tinha velhos pescadores que puxava os cabelos das penas todinho, porque eles encerravam as três perninhas. Para elas se emendar uma na outra puxava as perninhas, depois pegavam as três, se união, e amarravam no lpu, para pescar o peixe maior, o camurupim. Tinha muito nessas pedras.

As narrativas dos saberes da experiência de Neneu mostram vasto conhecimento na arte de pescar. Consideramos, experiências enriquecedoras para serem registradas em textos e lidas pelas futuras gerações da Comunidade, como uma documentação historiográfica do lugar.

Já em conversa com Dona Morena, mulher sábia e entusiasmada com a vida na Comunidade, questionamos sobre a sua vida com/no mar: quais as lições que aprendeu com/no mar? Quais saberes foram ensinados pelos seus pais que contribuíram para sua formação? Freire (1996), nos ensina que a responsabilidade social e a preservação ambiental significam um compromisso com a vida, pois, cuidar do meio ambiente, é um ato político para a liberdade, assim, permite ao ser humano conscientizar-se de sua existência no mundo e de sua historicidade no processo de constituição como sujeito social. Seguindo esse pensamento freireano, a entrevistada relata que na época em que seu pai pescava, era um tempo muito difícil. Os ensinamentos embasavam-se nos saberes que aprenderam com os mais velhos e as orientações se davam por meio do sol, lua e vento, formas que usavam no dia a dia. Dona Morena acrescenta:

Hoje, a maior parte tem um motorzinho. E na época do meu pai era só o vento, Jesus e o pano da baterá, um tipo de embarcaçõzinha [...]. Tinha que remar pra ir e pra voltar. Quando o vento alisava, chegavam em casa já de noite. Tudo isso era porque precisava do peixe para sobreviver e para vender. Suas atividades, meu pai não queriam passar para nós, ele queria que a gente estudasse. Ele, como nosso pai, queria que a gente estudasse

---

<sup>9</sup> A pesca de “três margem”, é mais conhecida como a pesca de arrasto. As redes são lançadas ao mar, possuem chumbo, para ter peso suficiente para arrastar a pesca; duas portas de madeira ficam presas nas laterais da rede, para impedir que os animais presos se soltem, e são arrastadas de duas a quatro horas até serem recolhidas.

<sup>10</sup> Material resistente e projetado para suportar impactos no manejo da pesca, além de ter uma boa qualidade e durabilidade.

para a gente não passar o que ele estava passando. E o que vinha passando, ele já entendia, mesmo sem ter estudo.

Inferimos que a rotina do processo da profissão já influencia a novas gerações estudarem para mudarem de profissão, tendo em vista, os sofrimentos da profissão e dentre outras. Necessariamente, os saberes educam para mudanças das futuras gerações. A rotina com/no mar, referendava-se na busca pela sobrevivência.

Nessa linha de pensamento, os pescadores saem muito cedo para a maré, em barcos pequenos movidos à vela, conhecidos como bateiras. Se configura num trabalho braçal, chegam em casa à noite. Sem o uso do GPS, voltam pelo caminho marcado, pelo conhecimento experiencial.

Dona Morena explica que a primeira vez que foi para o mar pescar foi por necessidade financeira. Neste caso, existe uma mudança quanto a relação de passagem dos saberes a outras gerações, pois estava ligada a pouca oportunidade de outras fontes de renda. Ela relata:

O pessoal pescava de “três margem” aqui, pegava muita sardinha. Naquele tempo, chamava remessa. Pegavam muitas. Aquelas pessoas se chamavam de arremesseiros. Como a gente era pequeno não puxava os três margem, mas, ficava catando as sardinhas pequeninhas, por necessidade mesmo. A gente juntava e tratava. Quando terminava as “três margem”, a gente ia para os ranchos entregar e vender. Com aquele dinheiro, era para comprar as nossas coisinhas. Depois que passava a época dos “três margem”, que só é no tempo que está chovendo, aqui, no tempo do inverno, o que dá é camarão. Eles pescavam para vender o peixe e vender o camarão, e a gente ia pra lá, para ganhar o dinheiro com a remessa.

Do mar às lições, dos saberes à formação, com/no mar os pescadores encontram grandes desafios. Para cada dificuldade, uma superação. Assim, aprendem com os conteúdos transmitidas de pais para filhos. Desde muito tempo essas vivências vêm contribuindo para a formação do cotidiano. Dona Morena conta que já pescou de “três margem” com o seu pai. Esse tipo de atividade requer muita força, é pouco praticada por mulheres. A narradora explica como foi sua experiência:

Neste dia faltou um pescador. Quer saber de uma coisa? Papai eu vou também. Pesquei uma semana, mas, é muito ruim para mulher amarrar uma corda na cintura e puxar antando de costa, tem que ter força. Eu fui, não por boniteza, fui porque estava precisando e fiz uma tentativa. Não gostei! Aqui, a gente tira muita taioba, tanto para comer como para vender. Era uma forma de sobrevivência mesmo, pela necessidade mesmo. Tirávamos baldes e baldes de taioba. É uma comida muito deliciosa. Os jovens aprendem pela necessidade, não tem outra forma de sobrevivência, não tem outro ganho a não ser pescaria, principalmente na época da lagosta, eles vão mesmo, fazem pesqueiros, vão porque gostam e também para ter uma renda.

O relato de Dona Morena revela que o mar é uma forma de sobrevivência, imposta via a necessidade, para a Comunidade do Rosado/RN. Da pesca tiram o sustento para manter sua família. No lugar, os moradores aprendem com os seus pais, avós, tios, primos e com os irmãos mais velhos. Esses saberes da experiência com/no mar vão sendo passados de geração para geração, mas com o transcorrer do tempo, os saberes que educam se transformam, especialmente, pelo uso das novas tecnologias, como uso do GPS pelos mais jovens, sem, contudo, perder as tradições. Dona Morena cita exemplos de alguns conhecimentos da experiência:

Eles se baseiam pela lua, pelo sol. De acordo com a lua, eles sabem que horas vão sair para o mar. Quando a lua sair estará com um quarto de vazante. Quando o sol se pôr, a maré estará com um quarto de vazante. Todo esse conhecimento pela natureza, pela vivência, aqui ainda se mantém essa tradição e vão passando uns para os outros. Tudo isso ainda se pratica, por exemplo, se forem pro mar, fazem o caminho, para ida e para a volta, pelo pesqueiro, pelo um pé de árvore. Pelo um pé de coqueiro bem alto faz o caminho, faz o assento, eles ainda fazem tudo isso para não se perderem, mesmo usando o GPS. Muitos ainda fazem da forma antiga, colocam uma



vara com um pano para, lá do mar, eles verem, pelas pedras. Quando eles chegam naquele lugar jogam a rede bem em cima e pega os peixes. São experiências que até hoje eles usam muito [...].

Conforme se viu na narrativa acima, as rotinas da pesca ainda permanecem vivas no cotidiano dessa Comunidade. Os pescadores saem cedo e medem o tempo cronológico com base em elementos naturais, tais como: o nascer, o poente, as marés e as luas. Mesmo com o uso de novos aparelhos tecnológicos, a maioria deles praticam a pesca de forma artesanal.

Como explica Lima (2011, p. 88), “[...] o pescador sai ainda sem o raiar do sol, para pôr o seu barco na água, e as horas no mar são ditadas pelas pescarias, pois não há horário certo de se pegar o peixe e, assim, a paciência se torna uma virtude indispensável”. Esse conhecimento tradicional, segundo Diegues (1995) pode ser entendido como um conjunto de saberes-fazeres a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração a geração.

Os saberes da experiência aqui historiados são ensinados tanto no mar como no campo. Segundo Josso (2010b, p 195) “[...] o sujeito que constrói sua narrativa e que reflete sobre sua dinâmica é o mesmo que vive sua vida e se orienta em cada etapa”. Na Comunidade, os moradores adquirem experiências na vida e no trabalho. Recebem de seus avós e seus pais ensinamentos que estão sendo repassados para os mais jovens, contribuindo para a preservação de hábitos e costumes.

Nesse conjunto de ensinar com o outro, no lugar do outro, compreendemos que na Comunidade os mais velhos estão passando os saberes da experiência, ensinam em casa aos filhos e ainda aos outros moradores para a construção do seu aprendizado. Para Josso (2010b) a formação serve para designar realidades diferentes, mesmo se cada uma se ligue, de uma forma ou de outra, nos diferentes campos da experiência.

#### **4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A pesquisa apresentou os saberes da experiência dos povos do mar, da Comunidade do Rosado - distrito de Porto do Mangue/RN, por meio das lições e dos saberes da formação. Os caminhos de acesso a esses registros foram as narrativas (auto) biográficas dos moradores que vivenciaram e vivenciam seus espaços de construção em compartilhamento com o outro na conciliação da memória individual com a memória coletiva. Esses moradores foram agentes de um processo histórico em que no seu dia a dia construíram e (re)construíram seus espaços de sociabilidade.

Como resultados, apontamos que os saberes da experiência de homens e mulheres pescadores, são repassados entre seus moradores, desde as gerações passadas às novas gerações. Os moradores aprendem com/no mar, na praia, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e filhos. Vimos também a influência que as novas tecnologias exercem nessa troca de saberes, a exemplo do uso do GPS pelos pescadores mais jovens, ao exercerem essa atividade.

Em meio ao vai e vem e do balanço do mar, foi almejado o entendimento do seu cotidiano, do trabalho da pesca, das rotinas locais, do lazer e da vida familiar na Comunidade. Esses sujeitos históricos e sociais tiram forças devido ao sentimento de pertença e à participação na construção e desenvolvimento dos espaços onde habitam.

Rememorar o passado significa possibilitar que sua história não seja apagada pelo tempo. Trazer as narrativas permite provocar a memória, através das lembranças tidas como esquecidas e apagadas. Estas, no momento em que são reveladas, podem trazer as recordações do passado vivido para outras pessoas, inclusive do próprio lugar, que não tiveram a oportunidade de conviver e conhecer a história da Comunidade do Rosado/RN.

#### **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, M. C. C. **Uma viagem insólita: de um território pesqueiro a um Paraíso Turístico – Pipa/RN**. 2002 198f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

BARROS, L. F. F. O Desenvolvimento do Geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo “Dunas do Rosado”: patrimônio geológico Potiguar. UFRN / Programa de Educação Tutorial (P.E.T.) Natal RN. Campinas, SeTur/SBE. **Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas**, 2(1), 2009. Disponível em: [www.sbe.com.br](http://www.sbe.com.br). Acesso em: 20 jan. 2020.

BONDIÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p. 20-28. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Disponível em: [www.scielo.br/](http://www.scielo.br/). Acesso em: 31 mai. 2020.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. 51. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARDOSO, R. S. **Os saberes da gente do mar: o imaginário e as experiências de vida dos pescadores da Vila do Treme, Bragança (PA)**. 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) - Universidade Federal do Pará. Bragança, 2015.

CEPENE – CENTRO DE PESQUISA E GESTÃO DE RECURSOS PESQUEIROS DO LITORAL NORDESTE. **Boletim Técnico-Científico do CEPENE**. CEPENE, Tamandaré PE - v. 19, n. 1, p. 69-81, 2013 Disponível em: [www4.icmbio.gov.br/cepene](http://www4.icmbio.gov.br/cepene). Acesso em 12 out 2020.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia, Corpo, Espaço. **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**, In: PASSEGI, Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DIEGUES, A. C. **Ilhas e Mares, Simbolismo e Imaginário**. Ed. Hucitec, São Paulo, 1998.

DIEGUES, A. C. **Povos e Mares: por uma sócio-antropologia marítima**. NUPAUB-USP, São Paulo, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990. Disponível em: [lelivros.website/book/](http://lelivros.website/book/). Acesso em: 15 set. 2020.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010a.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Edipucrs. Tradução de Albino Pozzer, 2010b.

LIMA, M. F. **Mares e Pescadores: narrativas e conversas em Itapoá**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

MALDONADO, S. No Mar: Conhecimento e Tradição, In: Diegues, A. C., e R. Salles, **II Encontro de Ciências Sociais e O Mar**, NUPAUB-USP, São Paulo, 1988.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NONATO JÚNIOR, R. **Filosofias que sopram o mar: mapeando conceitos de povos de mar, com os habitantes de Tatajuba, Camocim - CE**. 2006. 272 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

PINEAU, Gaston. LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passegi – Natal: EDUFRN, 2010.

SOUZA, E. C. A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Disponível em: EC Souza - **Revista Educação em Questão**,

2006. Acesso em: 15 set. 2020.

SOUZA, W. K. do A. **Trabalho-educação, economia e cultura em povos e comunidades tradicionais: a (re)afirmação de modos de vida como formas de resistência.** 2020. 222f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Niterói, 2020.

---

<sup>i</sup> Sobre os autores:

**Stenio de Brito Fernandes** (<https://orcid.org/0000-0001-6300-9561>)

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) (2018), relaciona-se à linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Especialista em Mídia na Educação pelo Núcleo de Educação a Distância (NEAD/UERN) (2015). Especialista em História do Brasil República pela UERN (2005), possui graduação em Geografia pela UERN (1999). Atualmente é professor estatutário no município de Porto do Mangue/RN (2003), no Ensino Fundamental II na Escola Municipal Francisca Serafim de Souza e concursado do Estado do Rio Grande do Norte (RN) (2006).

**Ana Lúcia Oliveira Aguiar** (<https://orcid.org/0000-0003-3626-2427>)

Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestra e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pós-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, é professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

**Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes** (<https://orcid.org/0000-0002-6625-7963>)

Graduação em Pedagogia e Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Atualmente, é professora de Didática do IFRN.

**Como citar este artigo:**

FERNANDES, Stenio de Brito; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira; FERNANDES, Aleksandra Nogueira de Oliveira. Nas redes das narrativas de homens e mulheres pescadores: do mar às lições, dos saberes à formação. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, vol. 13, n. 1, p. 98 - 108, 27ª Edição, 2023. <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

**Indexadores:** DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM – SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR